

A RELIGIÃO COMO PROJEÇÃO HUMANA:

Reflexões sobre a Teologia da Libertação, Caridade e a Essência do Cristianismo a partir da Convergência entre Gianni Vattimo e Rubem Alves

Lucas Pereira da Silva Freitas¹

RESUMO

Este ensaio explora a convergência entre as ideias de Gianni Vattimo, Ludwig Feuerbach e Rubem Alves em relação à religião, especialmente no contexto da Teologia da Libertação e da essência do cristianismo. Para Vattimo, todo pensamento sobre Deus é, na verdade, uma reflexão sobre os seres humanos, influenciada por experiências, culturas e contextos históricos. Essa visão flexível da religião sugere que as tradições religiosas estão em evolução e são moldadas pela interpretação humana. Rubem Alves enfatiza a importância da teologia da libertação, uma abordagem que busca a justiça social e a solidariedade a partir da perspectiva dos oprimidos e afirma a partir do filósofo Ludwig Feuerbach que “todo pensamento sobre Deus é um pensamento sobre nós mesmos”. Ele vê na mensagem de amor e compaixão de Jesus de Nazaré a essência do cristianismo, defendendo uma fé que se manifesta em ações concretas de cuidado. A convergência entre Vattimo, Feuerbach e Alves oferece uma visão de uma religiosidade mais inclusiva e engajada na transformação social em prol da dignidade e igualdade humana, sob a possibilidade de análise do espírito futuro da religião e as consequências da secularização. A metodologia adotada será a hermenêutica filosófica, investigando as obras desses autores para um diálogo crítico e fértil em Ciências da Religião, visando entender como esses pensadores convergem em suas concepções sobre a religião e buscam uma compreensão mais ampla e inclusiva da fé, da justiça social, da transformação pessoal e coletiva, com abertura para a Kénosis e a alteridade.

Palavras-Chave: Teologia da libertação, Cristianismo, Religião, Kénosis, Secularização.

INTRODUÇÃO

“Deus nos deu asas mas as religiões inventaram as gaiolas”

Rubem Alves, 2013.

No cerne das discussões sobre religião e suas matrizes culturais, surgem questões profundas sobre a natureza da fé, sua origem e seu impacto na sociedade.

¹ Licenciado e Bacharelado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos pelo SENAC, Licenciado em Filosofia pela CLARETIANO, Licenciado em História pela Faculdade IBRA, Licenciado em Letras-Inglês pela Faculdade IBRA e Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
E-mail: lucas.psf2@puccampinas.edu.br

Entre os pensadores que desafiaram concepções tradicionais e mergulharam nas complexidades da religião como fenômeno humano, destacam-se Ludwig Feuerbach², Gianni Vattimo³ e Rubem Alves⁴. Ao longo deste artigo, exploraremos suas ideias sobre a religião como projeção humana, especialmente em relação à Teologia da Libertação e à essência do cristianismo em seu entendimento cultural. Ludwig Feuerbach, no século XIX, propôs uma perspectiva revolucionária ao afirmar que a religião não é mais do que a projeção das aspirações e desejos humanos em uma figura divina. Para Feuerbach, a divindade é uma manifestação amplificada das qualidades humanas, refletindo anseios por amor, justiça e redenção. Essa visão foi fundamental para desafiar concepções tradicionais e abrir caminho para uma compreensão mais antropológica da religião. No contexto contemporâneo, Gianni Vattimo e Rubem Alves expandiram as ideias de Feuerbach, aplicando-as à Teologia da Libertação e ao relativismo cultural à análise da essência do cristianismo. Vattimo argumenta que a secularização não significa o fim da religião, mas sim sua transformação em uma expressão mais humanizada e pluralista, essa então tem a ver com conversão. Por sua vez, Rubem Alves traz uma perspectiva enraizada na realidade latino-americana, utilizando a teologia como instrumento de libertação a partir da linguagem. Ao explorar a convergência entre Feuerbach, Vattimo e Alves, este artigo busca não apenas compreender a religião como uma construção humana, mas também analisar seu potencial para a transformação social e pessoal em prol da busca por caridade, por meio da análise da contingência da própria linguagem. A partir dessas reflexões, buscamos lançar luz sobre os desafios e as oportunidades que a religião apresenta na contemporaneidade, especialmente no contexto da Teologia da Libertação e da essência do cristianismo.

Se para Alves (1989) a cultura começa quando o corpo não mais comanda e alguém nos mostra o que é o mundo, para Vattimo, o aprendizado vem da encarnação de Jesus e da religião cristã, centrado na caridade (*caritas*), ainda que esse Jesus deva ser encarado enquanto Deus-projeto, podemos o encontrar quando temos a devida demanda para projetá-lo. De acordo com Vattimo (2004b, p. 10): “Deus é a desordem do mundo, é aquele que nos chama a não considerar como definitivo nada disto que já está aqui. Deus é projeto, e nós o encontramos, quando temos força para projetar”. Este ensino é contínuo, devendo ser aprendido e praticado, influenciando nossa cultura e requerendo interpretação, assim como a arte e a estética. Alves em seu prefácio, interpretando Feuerbach, destaca que “todo pensamento sobre Deus reflete sobre nós mesmos”, sugerindo que a religião é um espelho da humanidade.

² Ludwig Feuerbach (1804-1872) foi um filósofo alemão do século XIX, conhecido por sua influência no desenvolvimento do pensamento crítico sobre religião, especialmente no campo da filosofia da religião e da antropologia filosófica. Feuerbach é mais conhecido por sua obra "A Essência do Cristianismo" (1841), na qual ele argumenta que Deus é uma projeção das qualidades e desejos humanos idealizados.

³ Gianni Vattimo (1936-2023) foi um filósofo italiano conhecido por suas contribuições para a hermenêutica, a filosofia política e a filosofia da religião. Ele emergiu como uma figura proeminente na filosofia continental do século XX, particularmente associado à chamada "pós-modernidade"

⁴ Rubem Alves (1933-2014) foi um renomado teólogo, escritor, educador e psicanalista brasileiro, reconhecido por sua abordagem única e multifacetada para temas como educação, religião, filosofia e psicologia. Nasceu em Minas Gerais, Brasil, e ao longo de sua vida, desafiou e inspirou gerações com suas reflexões profundas e sua escrita sensível.

A essência do cristianismo, conforme embasada por Ludwig Feuerbach em sua obra “A Essência do Cristianismo” (1997), apresenta uma análise crítica da religião cristã, argumentando que Deus é uma projeção das qualidades humanas idealizadas. Feuerbach sugere que os atributos divinos, como amor, bondade e sabedoria, são na verdade atributos humanos projetados em uma entidade divina. Podemos aqui colocar que a religião cristã coloca Deus como uma entidade separada e superior aos seres humanos, mas, na verdade, Deus seria uma criação da mente humana, refletindo os desejos, aspirações e limitações da humanidade. Vattimo e Alves são autores que convergem com essas perspectivas e podem aqui dialogar, dentro de compreensões que enfatizam a dimensão humana da religião e suas interpretações, discursos, códigos, demitologização e encontro do *ser* com o *ente* (metafísica).

A essência do Cristianismo contém uma crítica radical da teologia. Mais do que isto, ela contém uma “demitologização” das pretensões teológicas da religião. Como, portanto, justificar a nossa afirmação anterior, de que Feuerbach era um apaixonado pela religião? Ele mesmo nos dá a resposta. Sua intenção não era destruir mas redescobrir; não silenciar a voz da religião, como ilusão ou quimera, mas oferecer um código que nos permitisse entender os seus segredos. (ALVES, 1997, p. 7)

Aqui tomaremos as ideias de Feuerbach enquanto defensor de que a essência do cristianismo reside na projeção das características humanas idealizadas em uma divindade transcendente. Ele argumenta que Deus é uma criação da mente humana, uma manifestação das aspirações, desejos e necessidades dos seres humanos. Portanto, a religião cristã, para Feuerbach, é fundamentalmente antropocêntrica, refletindo os anseios e limitações da humanidade. Vattimo por sua vez, irá expandir as ideias de Feuerbach em um contexto pós-metafísico e pluralista. Ele sugere que a essência do cristianismo pode ser compreendida como uma narrativa interpretativa em constante transformação a partir da cultura e da história. Para Vattimo, a fé cristã não é baseada em verdades absolutas, mas sim em uma interpretação hermenêutica da mensagem evangélica que respeita a diversidade cultural e as diferentes formas de expressão religiosa e que com a secularização deve-se abrir para a alteridade e aceitar os diferentes pelo enfraquecimento dessa hermenêutica. Alves traz uma perspectiva mais prática e contextualizada, especialmente através de sua participação na Teologia da Libertação. Para ele, a essência do cristianismo está intrinsecamente ligada à prática da justiça, da solidariedade e da transformação social e isso pode ser verificado por símbolos e linguagens. Ele enfatiza o papel da fé como agente de libertação dos oprimidos e marginalizados, promovendo uma compreensão da religião como uma força para a mudança e a esperança, bem como a interpretação das escrituras que irá incidir sobre a religião para o sujeito religioso, dependendo de cada vertente religiosa, a partir do meio e sob influências.

Portanto, aqui buscaremos criar um discernimento sobre Feuerbach, Vattimo e Alves, entendendo a essência do cristianismo como uma expressão da humanidade, uma narrativa interpretativa em constante evolução, que se manifesta na prática da justiça e da solidariedade. Essas perspectivas desafiam noções tradicionais de divindade e transcendência, abrindo espaço para uma compreensão mais inclusiva e comprometida com as realidades humanas, aqui também tomaremos a hermenêutica da “Morte de Deus” no próprio sentido hermenêutico

iniciado por Friedrich Nietzsche⁵ em sua obra “A Gaia Ciência” (2017), comparando como os três diferentes autores nos ajudam a compreender a *essência do cristianismo*, desde a contemporaneidade, até os dias atuais pós-metafísicos⁶ e responder a problemática: como podemos interpretar a essência do cristianismo hoje após a secularização?

PROJEÇÕES ENTRE VATTIMO, FEUERBACH E ALVES

Alves caracteriza a cultura como a denominação do mundo que os seres humanos imaginam e constroem. Ele sugere que a cultura começa a se formar quando o corpo deixa de ser o guia principal, necessitando que os mais velhos nos ensinem sobre a natureza do mundo (ALVES, 1984, p. 18). Um dos aspectos centrais do pensamento de Vattimo (2004a) sobre o retorno da religião, tanto na cultura quanto no pensamento, reside na crise da razão e do pensamento técnico-científico. Este pensamento, diante de problemas aparentemente insolúveis da sociedade global, como os riscos apocalípticos urgentes e inéditos, não consegue oferecer soluções plausíveis. Ao falhar em encontrar respostas para esses desafios, há uma busca por soluções na religião. Para Vattimo, portanto, o estudo do fenômeno religioso assume uma importância crítica, e a filosofia não pode ignorar essa relevância. Em um mundo que muitos poderiam considerar secularizado, Vattimo vê a secularização como um elemento constitutivo de uma experiência religiosa autêntica. É um reencontro, um retorno a algo que pensávamos ter abandonado. A secularização, nesse contexto, não é um abandono da religião, mas sim um reencontro com uma experiência religiosa genuína. Inspirado por Nietzsche, Vattimo acredita que a cultura cria um mundo imaginário onde a verdade é um fundamento final, uma crença metafísica que se baseia na negação da vida, e que, portanto, precisa morrer, juntamente com o símbolo de seu criador – o Deus Moral autoritário, punitivo e ameaçador. Ao falar sobre cultura e religião, Vattimo enfatiza a importância da salvação na cultura religiosa, descrevendo-a da seguinte forma:

Se a salvação, o paraíso, a perfeição final podem ser imaginados como resultante de um processo histórico realizável no mundo, é quase fatal que uma política inspirada nestas convicções se proponha a construir, como todos os meios possíveis, uma ordem perfeita, dando lugar a regimes não liberais. (VATTIMO, 2004a, p.56).

Vattimo argumenta que, por razões filosóficas, é inviável uma "retomada da metafísica vista como uma estrutura estável, eterna, imutável e inacessível ao

⁵ Friedrich Nietzsche foi um filósofo, poeta e filólogo alemão do século XIX, cuja obra influenciou profundamente a filosofia ocidental, a literatura e outros campos do conhecimento. Ele nasceu em 15 de outubro de 1844 em Röcken, uma pequena vila na Prússia, e faleceu em 25 de agosto de 1900 em Weimar, Alemanha. Nietzsche é mais conhecido por suas ideias sobre a morte de Deus, o eterno retorno, a vontade de poder e o Übermensch (Super-Homem ou Além-do-Homem).

⁶ A pós-metafísica para Gianni Vattimo é um conceito filosófico que se baseia na ideia de superar a tradição metafísica clássica que busca fundamentos últimos, verdades absolutas e estruturas estáveis e eternas da realidade. Vattimo, fortemente influenciado pelo pensamento de Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche, propõe uma abordagem hermenêutica e nihilista da realidade, onde a verdade é vista como interpretativa e contextual. Ela busca uma maneira de pensar que seja mais adequada a uma era pós-moderna, onde as grandes narrativas e verdades absolutas perderam sua força, e a interpretação, a caridade e o diálogo se tornaram centrais.

discurso racional e, exatamente por isso, ainda mais rigidamente 'objetiva'" (VATTIMO, 2004a, p. 57). Para ele, os maiores desafios autoritários de regimes políticos e religiosos ocorrem em contextos em que se impõe o pensamento em sua transcendência absoluta, baseados em fundamentos últimos. Uma estrutura rígida e "objetiva" caracteriza uma metafísica transcendental, permitindo conceber um Deus totalmente outro, que se impõe ao pensamento em sua transcendência total.

Um aspecto central nas reflexões teóricas de Vattimo é a importância que ele atribui à Kénosis. A encarnação como Kénosis, segundo Vattimo, permite pensar numa transformação radical do estatuto de Deus e da religião cristã em relação aos seres humanos. De um povo servil e submisso, passamos a ser amigos de Deus. A caridade divina se torna um exemplo ético-político de amor ao próximo a ser seguido, ensinado e praticado. Se para Alves a cultura começa quando o corpo deixa de comandar e somos ensinados sobre o mundo, para Vattimo esse ensinamento provém da encarnação de Jesus e da religião cristã, fundamentando-se na caridade (caritas). Esse aprendizado ainda está em progresso e deve ser continuamente aprendido e praticado, refletindo a influência da religião cristã em nossa cultura, que, assim como uma obra de arte, precisa ser interpretada.

Outro ponto significativo está relacionado ao que Alves discute na obra de Feuerbach, afirmando que "todo pensamento sobre Deus é um pensamento sobre nós mesmos". A religião, portanto, seria um reflexo dos homens. "O sofrimento da falta é a garantia de que algo a satisfará. Deus, assim, é o Grande Plenum que corresponde ao nosso vazio" (ALVES, 1989, p.8). Aqui Alves aponta que Feuerbach segue na direção oposta, começando com Deus e descobrindo o vazio. A sensação de "falta" não é produto da história, mas anterior a ela, sendo a história uma busca permanente pelo objeto (ALVES, 1989, p.9). Feuerbach apresenta a esperança, afirmando que, embora não possamos recuperar uma experiência perdida, é possível criar o objeto do desejo. A religião, assim, se volta para a criação do futuro, não apenas para a interpretação do passado. (ALVES, 1989, p.9).

Para Vattimo, a declaração da "Morte de Deus" presente no aforismo 125 da "Gaia Ciência" não afirma o ateísmo, mas sim a inexistência de um fundamento definitivo. Isso libera o ser humano da ideia de um Deus absoluto, permitindo a busca por novos caminhos e a criação de seu próprio futuro. Como estudioso de Heidegger, Vattimo vê um paralelo na crítica de Heidegger à metafísica, onde o Ser não pode ser pensado nos termos da metafísica objetiva. Para Heidegger, o Ser não é estático, mas acontece. A noção de evento é crucial para compreender o discurso sobre o Ser, com o evento do Ser sendo o lugar próprio para entender o homem enquanto ser-aí. Vattimo, interpretando Heidegger sob a ótica do niilismo, acredita que o niilismo reabre a questão fundamental do Ser, permitindo à filosofia confrontar o que é próprio do Ser que a metafísica esqueceu ao tentar assegurar o domínio da razão.

Rubem Alves observa que nossa tradição filosófica se esforçou para fazer do homem um ser racional, mas as produções culturais sugerem que o homem é um ser de desejo, com o desejo sendo um sintoma de privação e ausência (ALVES, 1984, p.19). Nesse contexto de constantes mudanças, inclusive culturais, Vattimo desenvolve sua tese sobre a hermenêutica como uma interpretação do Ser, onde a filosofia passa de uma descrição dos fatos objetivos para a interpretação das visões de cada época. Os desejos mencionados por Alves se materializam na forma de pluralidade e diferentes interpretações para Vattimo. Ele vê a Kénosis, iniciada com

a encarnação de Cristo e o pacto entre Deus e o "seu" povo, como parte do processo educativo do homem para superar a essência violenta do sagrado e da vida social.

Para Vattimo (2004a), a história da salvação e a história da interpretação estão intimamente ligadas na idade do espírito (pós-modernidade). Salvar-se requer ouvir, entender e aplicar na própria vida o ensinamento evangélico. Em Rubem Alves, isso pode ser relacionado à passagem do desejo para os símbolos, que se tornam referências em nosso caminho (ALVES, 1984, p.22). A Kénosis da encarnação de Cristo e o pacto de Deus com seu povo, superando a essência violenta do sagrado, são símbolos que, na perspectiva de Alves, seriam redes de desejos e confissões de esperança, associadas ao surgimento da religião.

No pensamento de Feuerbach (1997), a esperança cria o objeto do desejo, e a religião se volta para a criação do futuro (ALVES, 1989, p. 9). Interpretando a Kénosis, Vattimo destaca o retorno da cristandade, mesmo em uma era de secularização, onde a religião reaparece para moldar o futuro e promover um relacionamento mais pluralista através da caridade. Rubem Alves, em "O que é religião", argumenta que o discurso religioso não tem autonomia em relação às coisas da natureza, que permanecem as mesmas em qualquer tempo e lugar (ALVES, 1984, p.29). Assim, mesmo o amor ao próximo baseado na caridade e pluralidade, como citado por Vattimo, carece de autonomia em relação às coisas da natureza e vive do desejo e da espera (ALVES, 1984, p.30).

No cristianismo o homem só se concentrava em si mesmo, separava-se da conexão com o universo, transformava-se num todo auto-suficiente, num ser absoluto extra e sobremundano. E exatamente por não se considerar mais como um ser pertencente ao mundo, por romper a sua conexão com ele, sentia-se ele como um ser ilimitado (por que a limitação na subjetividade é exatamente o mundo, a objetividade), não tinha mais motivo para duvidar da verdade e validade dos seus desejos e sentimentos subjetivos. (FEUERBACH, 2007, p. 162)

O cristianismo tradicionalmente concebeu a relação entre o homem e o mundo, destacando um distanciamento e uma centralização do homem em si mesmo. Esse ponto de vista ressoa com várias críticas filosóficas e teológicas sobre a natureza da subjetividade e da objetividade no contexto religioso. Primeiramente, a citação sugere que, no cristianismo, o homem se concentrou excessivamente em si mesmo, rompendo sua conexão com o universo. Essa visão pode ser associada às críticas de Ludwig Feuerbach, que argumentou que a religião, especialmente o cristianismo, projeta as qualidades humanas em Deus, criando uma entidade separada do mundo natural. Feuerbach acreditava que essa projeção leva a um afastamento do homem de sua verdadeira natureza e do mundo ao seu redor, criando uma dicotomia entre o sagrado e o profano. A ideia de que o homem se transforma em "um todo auto-suficiente, num ser absoluto extra e sobremundano" reflete a noção de que, ao se separar do mundo, o homem cristão se vê como um ser autônomo e independente, capaz de existir sem referência ao universo material. Isso pode ser interpretado como uma crítica à teologia que enfatiza a transcendência absoluta de Deus e, por extensão, do ser humano em relação ao mundo criado. Ao se considerar separado e superior ao mundo, o homem cristão pode perder de vista a interdependência e a conexão essencial entre todas as formas de vida. A última parte da citação fala sobre a ausência de dúvida na validade dos desejos e sentimentos subjetivos do homem cristão, já que ele se vê como um ser ilimitado. Essa ideia pode ser analisada à luz das críticas modernas à subjetividade

exacerbada, como as de Gianni Vattimo. Vattimo, em sua abordagem hermenêutica e pós-moderna, sugere que a religião deve ser vista como uma construção cultural e histórica, onde a verdade é sempre contextual e nunca absoluta. A crença na validade incontestável dos próprios desejos e sentimentos pode ser vista como uma forma de arrogância epistemológica, onde o homem perde a capacidade de questionar e criticar suas próprias convicções e ações. Em contraste, pensadores como Rubem Alves poderiam argumentar que uma visão mais integrada do homem e do mundo, onde a espiritualidade é vista como uma expressão poética e simbólica das aspirações humanas, poderia ajudar a superar essa separação. Alves propõe que a espiritualidade deve reconectar o homem com o universo, promovendo uma visão mais holística e interconectada da existência. Portanto, a citação sugere que, ao se concentrar excessivamente em si mesmo e se separar do mundo, o homem cristão tradicional perde a capacidade de reconhecer suas próprias limitações e a interdependência com o universo. Essa perspectiva critica a tendência de absolutização da subjetividade e a necessidade de reavaliar nossa relação com o mundo, promovendo uma visão mais equilibrada e interligada da existência humana.

Concluindo sua análise sobre a obra de Feuerbach acerca da essência da religião, Alves (1989) observa que Feuerbach foi pioneiro em conceber uma religião desprovida de metafísica. Se não existe um plano que satisfaça nosso vazio e se a educação para a realidade se alimenta de um pessimismo que exige o abandono dos sonhos, a política emerge como a arte de transformar sonhos em realidade, possibilitando um pouco mais de felicidade no futuro (ALVES, 1989, p. 8).

A pós-modernidade introduz a dimensão do pluralismo, que no “pensamento enfraquecido” de Vattimo, fundamentado no conceito de Kénosis e caridade, poderia recuperar a legitimidade do múltiplo, do plural e da voz do outro. Nesse contexto, a relativização inerente ao pluralismo seria um princípio de afirmação do outro. Através da caridade e do amor ao próximo, surge a ideia de um cristianismo não religioso, talvez uma religião sem metafísica como sugerido por Feuerbach, mas certamente baseada em uma virtude cristã imanente: a caridade.

Para Rubem Alves, “o amor se dirige para coisas que ainda não nasceram, ausentes. Vive do desejo e da espera” (ALVES, 1984, p. 31). Ele também reafirma que a religião não é apenas uma fantasia, sugerindo que ela possui poder, amor e a dignidade do imaginário (ALVES, 1984, p. 31). Vattimo acredita que o cristianismo pode se tornar uma religião universal, contribuindo para superar o caráter excludente que vivemos, promovendo uma globalização da caridade (caritas). Isso desafia todas as culturas únicas que se baseiam em fundamentos últimos e absolutos, levando a um “evento dialógico” do qual todos possam sair transformados.

Rubem Alves (1989) também explora essa interconexão em suas reflexões sobre a espiritualidade e a religião. Alves vê a teologia como uma expressão poética da alma humana, uma forma de dar voz aos anseios profundos do coração. Em suas obras, ele sugere que as imagens de Deus que criamos são metáforas que falam mais sobre nossas necessidades e experiências do que sobre uma divindade objetiva. Para Alves, Deus é uma construção que nos permite lidar com a complexidade da vida e encontrar significado em meio ao caos. Assim, o pensamento sobre Deus revela nossos desejos mais íntimos e nossa busca por sentido.

Finalmente, Vattimo desafia o cristianismo a interpretar a mensagem de Deus como uma revelação em progresso, por meio da Kénosis de Jesus, tirando o cristianismo de suas “trincheiras” e da pretensão de ser a única religião verdadeira, fora da qual não há salvação. Como podemos ver, Rubem Alves nos provoca a pensar em termos de uma religião poderosa e capaz de criar um futuro, baseada no amor, alinhando-se com o pensamento transgressor e não violento de Gianni Vattimo, que busca enaltecer uma compreensão mais inclusiva da salvação dentro do âmbito inter-religioso.

DO ESQUECIMENTO DO SER OU IMPEDIMENTO DA CARIDADE

De acordo com Feuerbach (1997), a religião representa um estado de alienação para a humanidade, argumentando que as pessoas possuem intrinsecamente a essência do amor, da bondade e da caridade, mas acabam projetando essas qualidades em um idealismo fraterno, personificado em entidades externas como Deus, Jesus ou divindades. Nesse processo, o ser humano se distancia de si mesmo, permitindo que essa entidade externa domine e determine moralmente suas ações.

Vattimo (2016, p. 58), por sua vez, parte desse tipo de ideia de religião enquanto projeção para sugerir que somente um conceito de Deus relativista pode nos salvar desse estado de alienação. Ele propõe que Deus não deve ser encarado como absoluto, mas sim como uma entidade fluida e relativa, sendo esse, um Deus da distância e da esperança, e não da presença. Isso se relaciona com o problema do "esquecimento do ser", uma consequência da história da metafísica que transformou o *ser* em algo entificado, retirando dele a capacidade intrínseca da caridade. A caridade, entendida como *kénosis*, ou seja, o esvaziamento de si mesmo, é um vestígio espiritual poderoso da religião.

Vattimo herdou de Heidegger a problema do esquecimento do ser que tem seu auge na modernidade com a filosofia do positivismo, é a metafísica forte, pautada na violência. De acordo com VATTIMO (2018b, p. 38): “Ideias de Platão até a Modernidade, até hoje, isto é, até o experimento científico dos positivistas, que para Heidegger, é o auge do esquecimento do Ser.” Podemos então encarar a tendência de entificação do ser como alienação, é o estado do qual exige a morte de Deus, sob a hermenêutica niilista, pois lá onde existe vestígio de absolutos, ainda existirá a metafísica, logo, o *ser* não pode ser pensado em termos de metafísica objetivista, pois nos manteria sob o estado de abdicação da caridade para um ente externo e para Vattimo, faria a manutenção da violência metafísica.

Portanto, Vattimo (2018b) enfatiza a necessidade de superarmos o problema do esquecimento do ser para evitar cairmos na armadilha da alienação religiosa. Ao reconhecer a relatividade e fluidez do conceito de Deus e ao resgatar a caridade como uma expressão autêntica da essência humana, podemos nos libertar da alienação e nos reconectar verdadeiramente conosco e com os outros.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO A PARTIR DA CONVERGÊNCIA ENTRE GIANNI VATTIMO E RUBEM ALVES

A Teologia da Libertação de Rubem Alves é uma corrente teológica que surgiu na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, com um forte enfoque na

justiça social e na luta contra a opressão. Rubem Alves, um dos pioneiros desta abordagem, via a teologia como uma forma de responder aos desafios sociais e políticos enfrentados pelos pobres e marginalizados. Para Alves (2013), a fé cristã não deveria ser apenas uma questão de doutrina, mas uma prática viva e dinâmica que busca transformar a realidade social. Logo, Alves entendia a teologia como uma expressão poética que captura os anseios e esperanças das pessoas. Ele via Jesus não apenas como uma figura histórica, mas como um símbolo de resistência e esperança para os oprimidos, por isso defendia que a teologia deveria estar profundamente enraizada na vida cotidiana das pessoas, abordando suas necessidades e lutas concretas. Isso se traduz em um compromisso ativo com as causas sociais e a justiça, onde a igreja deve estar ao lado dos pobres e dos que sofrem, lutando contra todas as formas de opressão.

“Antes, a gente queria salvar as almas do inferno para ir ao céu, agora nós não acreditávamos nem no inferno e nem no céu, nossa missão era salvar o Brasil, era transformar o Brasil, então nossa fé metafísica se transformou em uma fé política, dando engajamento à juventude para se ligar com os “movimentos revolucionários”, então a transcendência que estava no céu, passou a transcendência que está no futuro.” (ALVES, 2013)

Rubem Alves vê a teologia como uma forma de poesia que expressa os anseios profundos do coração humano. Para Alves, a religião é menos sobre dogmas rígidos e mais sobre metáforas que capturam os sentimentos, esperanças e dores das pessoas. Sua abordagem é profundamente encarnacional, enfatizando a importância da experiência humana concreta e do engajamento com o mundo real. No contexto da Teologia da Libertação, Alves sugere que a fé deve ser um instrumento de transformação social, atuando diretamente nas lutas dos oprimidos. Ele vê Jesus não apenas como uma figura histórica, mas como um símbolo de resistência e esperança para os marginalizados. A essência do cristianismo, para Alves, está na prática do amor e da justiça, na solidariedade com os pobres e na luta contra todas as formas de opressão. introduz a ideia de uma "fé fraca", que reconhece a contingência e a historicidade das crenças religiosas. Para Vattimo, a religião deve ser entendida como uma interpretação cultural e histórica, não como uma verdade absoluta. Ele defende uma abordagem hermenêutica, onde a verdade é sempre contextual e aberta à reinterpretção. No contexto da Teologia da Libertação, a perspectiva de Vattimo sugere que a luta pela justiça social deve ser sensível às múltiplas narrativas e experiências dos oprimidos. A "fé fraca" promove uma humildade epistemológica, reconhecendo que nossas compreensões de Deus e da justiça são sempre parciais e provisórias. Isso implica uma abertura ao diálogo e à transformação contínua, uma disposição para aprender com as experiências dos outros e uma resistência à imposição de dogmas rígidos.

Eu havia abandonado completamente a ilusão de que a teologia pudesse ser um conhecimento de Deus. Deus é um grande e inominável mistério e o que podemos dizer se refere apenas aquilo que acontece em mim, ao me confrontar com aquilo que Rudolf Otto chamou de ‘O Totalmente Outro’, ‘Mysterium Tremendum’. Teologia é antropologia; falar de Deus é falar de nos mesmos (ALVES, 1988, p. 28)

Ambos veem a religião como uma prática que deve ter um impacto real e positivo na vida das pessoas, especialmente dos oprimidos. Alves enfatiza o engajamento direto com as lutas sociais, enquanto Vattimo promove uma

abordagem interpretativa e aberta, que valoriza a pluralidade das experiências humanas. A espiritualidade, para ambos, é profundamente enraizada na experiência humana concreta. Alves vê a teologia como uma expressão poética das aspirações humanas, enquanto Vattimo insiste na historicidade e na contingência da fé. Juntos, eles promovem uma visão da religião que é viva, dinâmica e atenta às realidades do mundo. Alves e Vattimo criticam qualquer forma de dogmatismo que separe a fé da vida real. Alves enfatiza a necessidade de uma teologia que seja relevante e prática, enquanto Vattimo adverte contra a absolutização das verdades religiosas. Ambos defendem uma fé que é flexível e responsiva às necessidades e contextos específicos das pessoas. A essência do cristianismo, na visão convergente de Alves e Vattimo, está na transformação. Essa transformação é tanto social quanto pessoal, abrangendo a luta por justiça e a busca por uma espiritualidade autêntica que se traduz em ações concretas de amor e solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo as contribuições de Alves, a religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que geralmente admitimos. Assim, estudar a religião não se limita a observar algo externo; é, na verdade, "como um espelho em que nos vemos" (ALVES, 1984, p. 12). Vattimo, ao interpretar passagens do Apocalipse, propõe a ideia do Deus Ornamento. Ele descreve a revelação da salvação no fim dos tempos não como uma catástrofe destrutiva, mas como uma dissolução do real em qualidades "secundárias", relacionadas às percepções sensoriais e à libertação da arte. Vattimo também lembra que o termo "espírito", ou pneuma, originalmente significa sopro, vento, hálito; algo essencialmente volátil e que se associa ao deus da caritas. (VATTIMO, 2004a, p.68).

A convergência entre Feuerbach, Rubem Alves e Vattimo revela que a imagem de Deus que formamos é um espelho de nós mesmos. Feuerbach (1997) nos mostra que projetamos nossas qualidades humanas em Deus; Alves (1984) nos lembra que nossas concepções divinas são metáforas de nossos anseios; e Vattimo (2004a) nos convida a ver a religião como uma interpretação cultural de nossa própria existência. Assim, ao refletirmos sobre Deus, estamos, em última análise, explorando quem somos, o que valorizamos e como buscamos sentido em nossas vidas.

Interpretar a essência do cristianismo hoje, após a secularização, a partir das perspectivas de Alves, Feuerbach e Vattimo, oferece uma visão enriquecedora e multifacetada. Tanto Alves quanto Feuerbach veem o cristianismo como algo profundamente humano. Alves o entende como uma prática de amor e justiça, enquanto Feuerbach o vê como uma projeção das qualidades humanas. Vattimo e Alves destacam a importância da interpretação contínua e da adaptação da fé aos contextos contemporâneos. A fé deve ser responsiva às mudanças culturais e sociais, mantendo-se relevante e significativa. Ademais, esses três pensadores criticam o dogmatismo. Alves e Vattimo enfatizam a necessidade de uma teologia flexível e prática, enquanto Feuerbach sugere que o reconhecimento da religião como uma projeção humana pode liberar a fé de dogmas inflexíveis. Alves (2013) nos convida a ver a fé como uma prática poética e transformadora que luta pela justiça social. Feuerbach (1997) nos leva a reconhecer o cristianismo como uma projeção das aspirações humanas, desvendando sua natureza antropológica. Vattimo (2004a) nos incentiva a adotar uma abordagem hermenêutica, onde a fé é

continuamente reinterpretada para promover valores de caridade e solidariedade. Juntas, essas perspectivas sugerem um cristianismo que é dinâmico, humano e profundamente engajado com as realidades contemporâneas de contingência.

Para lidar com o problema do esquecimento do ser e a alienação apontada por Feuerbach, é crucial reconsiderar o entendimento de Jesus dentro de sua historicidade, transcender a abordagem metafísica que tende a objetificar o ser e reconhecer a dimensão humana e histórica do próprio conceito de divindade.

Ao examinar Jesus na sua historicidade, nos afastamos da visão metafísica que o transforma em uma entidade absoluta e transcendente, e passamos a enxergá-lo como um ser humano inserido em um contexto histórico e cultural específico. Isso permite uma compreensão mais profunda de seus ensinamentos e do seu significado para a humanidade. Ao reconhecer Jesus como um ser histórico, podemos nos libertar da tendência de objetificar o ser e, assim, evitar a alienação apontada por Feuerbach. Em vez de enxergar Jesus como uma figura distante e inatingível, passamos a vê-lo como alguém que compartilhou das mesmas experiências e desafios humanos que enfrentamos.

Essa abordagem nos possibilita uma relação mais próxima e autêntica com a espiritualidade, ao mesmo tempo em que nos encoraja a nos reconectarmos com nossa própria humanidade e com a dos outros. Dessa forma, ao repensarmos Jesus dentro de sua historicidade, podemos encontrar caminhos para superar o esquecimento do ser e a alienação religiosa, promovendo uma compreensão mais inclusiva e compassiva da nossa existência.

Neste estudo sobre Vattimo em convergência com Alves, observa-se uma abertura para o entendimento profundo do mundo externo. Como deixou em aberto Rubem Alves: a ciência da religião, é também a ciência de nós mesmos: um conhecimento profundo e saboroso. Para Alves, o futuro da religião está na ausência e no desejo. Para Vattimo, é um evento dialógico, baseado na escuta, caridade e amor escolhido. Logo, podemos afirmar que ambos convergem ao considerar a religião essencial enquanto prática humana, para construir um futuro melhor, menos autoritário e mais inclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **O que é a Religião?** / Rubem A. Alves. – São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

ALVES, R. **A Essência do Cristianismo**. 2ª Edição, Editora: Papyrus, 1997.

ALVES, R. **Sobre Deuses e Caquis**: teologia, política e poesia em Rubem Alves. In: Comunicações do ISER 32, 1988, p. 9-31.

ALVES, R. **Rubem Alves, Teologia da Libertação, Igreja Presbiteriana e Ditadura Militar**. Entrevista, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=njJW1xAMW3Y>. Acesso em: 23/05/2024.

FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo**. 2ª Edição, Introdução: Rubem Alves, Editora: Papyrus, 1997.

FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo**. Editora Vozes Ltda, Petrópolis-RJ, 2007.

FEUERBACH, L. **Preleções sobre a essência da religião**/ Ludwig Feuerbach; tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 1989

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Friedrich Wilhelm Nietzsche; Tradução Paulo Cesar de Souza. -1 ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

VATTIMO, G. **Adeus à verdade**. Gianni Vattimo; tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. – (coleção textos filosóficos)

VATTIMO, G. **Crer que se crê**: É possível ser cristão apesar da Igreja? Gianni Vattimo; Tradução Klaus Bruschle. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a.

VATTIMO, G. **Depois da Cristandade** - por um cristianismo não religioso. Gianni Vattimo; Tradução Cynthia Marques – Rio de Janeiro: Record, 2004a.

VATTIMO, G. Deus é projeto e nós o encontramos quando temos força para projetar [Entrevista concedida a IHU-Online]. **IHU-Online**, São Paulo, v. 128, dez/2004b, p. 10-13.

VATTIMO, G. **Não ser Deus**: Uma autobiografia a quatro mãos. Tradução: Federico Carotti – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018b.